

SALVE O DOIS DE JULHO: UMA ANÁLISE HISTÓRIOGRÁFICA DAS OBRAS DE BRAZ DO AMARAL SOBRE A INDEPENDÊNCIA DA BAHIA

Lina Ravena Souza Santos¹; Rinaldo Cesar do Nascimento Leite²;

1. Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: linha.ravena@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, e-mail: rinaldocesarleite@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia, Bahia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o discurso do historiador Braz do Amaral (1861-1949) sobre o tema Independência da Bahia, a partir da sua produção bibliográfica acerca da independência da Bahia obras de sua autoria. Tendo como objetivo analisar os pontos-chaves de um discurso proferido durante a primeira república o qual se remete a Independência para criticar o regime vigente.

Esse trabalho é o que pode se chamar de História da Historiografia. Historiografia é concebida como o resultado e/ou “produto final da pesquisa histórica”¹, atualmente se expressa em forma de artigos, monografias, dissertações, teses, livros. Definido o que consiste a historiografia, pode-se dizer que um estudo desse tipo de fonte histórica é relevante, pois proporciona ao pesquisador um estudo não só dos autores, mas das épocas quando se deram as produções, como era pensada a História para cada historiador, os seus aportes teórico-metodológicos e os princípios que regiam a prática da pesquisa. Dentre as diversas possibilidades e campos nos quais a fonte historiográfica pode ser trabalhada, tem-se os estudos qualitativos baseados na representação e análise discursiva.

MATERIAIS, MÉTODOS OU METODOLOGIA

Os materiais utilizados são as obras de Braz do Amaral que parcial ou totalmente tocam no tema Independência da Bahia: *Recordações Históricas, Ação da Bahia na obra da Independência Nacional e História da Independência na Bahia, História da Bahia: do Império à República*, “A Conspiração Republicana da Bahia de 1798”, “1808-1828”, “Esclarecimento sobre o modo como se preparou a Independência”.

Para analisar como Braz do Amaral busca compreender a Bahia na Primeira República, menosprezada historiograficamente na obra da independência nacional, parto aprioristicamente de uma concepção *foucaultiana*, já que me propus a fazer uma análise do discurso, onde “o discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo”.² Ou seja, dentro do contexto de comemoração do centenário da Independência do Brasil, 1922, o discurso de Braz do Amaral deve ser analisado como manifestador do desejo de uma elite letrada baiana em recobrar não só a sua fração na obra da independência nacional, mas como esse discurso almeja tornar a Independência da Bahia marco importante da Independência do Brasil.

¹ MALERBA, Jurandir. Teoria e História da Historiografia. In: MALERBA, Jurandir (org.). A história escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.p. 23.

²FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15ª Ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007, p. 10.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A compreensão histórica sempre terá presente a experiência atual da vida dos historiadores³, por isso é preciso entender quem é Braz do Amaral. Amaral fez-se historiador na prática – na sua participação no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (IGHB), ensinando História no Instituto Oficial do Ensino Secundário, que veio a ser chamado posteriormente de Colégio Estadual da Bahia, e na sua luta pela defesa dos limites do Estado com os vizinhos –, afinal a sua formação acadêmica foi à medicina. Assim como outros intelectuais de sua época, o magistério era uma das formas desses intelectuais do início do século XX se manter, haja vista não ser possível se prover apenas das letras.

Mas de onde Amaral escreve? A Bahia da Primeira República ainda detém um determinado prestígio político no cenário nacional, entretanto esse prestígio não foi suficiente para uma elite letrada baiana que está sedenta em retomar aos tempos gloriosos da Colônia e do Império: a Bahia detinha a capital do Brasil, no caso Salvador; o Brasil nasceu na Bahia, foi aqui que os portugueses aportaram primeiro; a Bahia era forte economicamente, pois detinha uma grande quantidade dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar voltado para a exportação; durante o período imperial, contou com diversos primeiros-ministros. Enfim o discurso proferido por essa elite se preocupou em exaltar a Bahia para que não se perdesse junto com o próprio estado o seu status e a sua tradição.

Não faz sentido para o trabalho analisar obra por obra, por isso parto de alguns pontos-chaves que achei relevantes para a abordagem.

1. Datação

O recorte temporal de Braz do Amaral tem início com a “Revolução Constitucional de 1821” e término no “2 de julho de 1823”. Sendo essa datação recorrente não só em todas as três obras aqui analisadas, mas que se consolidou em toda a historiografia da Independência da Bahia. Entretanto, alguns Historiadores atuais da Independência, como Sérgio Armando Diniz de Guerra Filho,⁴ se estendem até o Levante dos Periquitos de 1824.

2. O heroísmo

A Bahia como heroína é a primeira coisa que notamos no discurso de Braz do Amaral. O texto *Ação da Bahia na Obra da Independência Nacional* tem como objetivo criticar as produções historiográficas da comemoração do centenário da independência, as quais enalteceram alguns estados do país como o Rio de Janeiro e São Paulo em detrimento de outros. E para enfatizar sua crítica, não se poupa em demonstrar através das suas fontes comprovações do heroísmo da Bahia:

A reivindicação do que o Brasil deve a Bahia na obra da Independência, se prova na tentativa revolucionária e republicana que houve aqui, em 1799, como se verá pela leitura dos documentos em

³ DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002.

⁴ Ver GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra: participação das camadas populares nas lutas pela independência do Brasil na Bahia**. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2004.

anexos, sob nºs 1,2 e 3, a qual foi muito mais importante do que a inconfidência mineira (...).⁵

Vale ressaltar que no período republicano estava em jogo a construção de uma identidade nacional, por isso a crítica de Amaral com a adoção de Tiradentes como herói nacional, que elevava a Inconfidência mineira como momento destacado na luta pela emancipação política, em detrimento da Conjuração ocorrida na Bahia em 1799.⁶ Esse heroísmo exacerbado também se configura no texto “A Revolução Constitucional da Bahia em 1821”, no qual Amaral nos diz:

Tal foi a memorável revolução baiana do pronunciamento por uma constituição, a qual teve tão poderosa influência sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro, que precipitou, resultando de tudo isto a partida do rei para a Europa, ficando no país o príncipe regente, que foi o fato que mais decisivamente produziu sem demora a independência do Brasil.⁷

O trecho acima mostra mais uma vez a ênfase na Bahia como precursora ou até mesmo a detonadora do processo da independência do Brasil. Mesmo sendo produzido em momento diferente da crítica historiográfica ferrenha que configura o texto *Ação da Bahia na Obra da Independência Nacional*, o texto “A Revolução Constitucional da Bahia em 1821”, que data de 1907 é mais um exemplo de como Amaral foi construindo e consolidando seu discurso acerca da Bahia ao longo dos anos. Também em 1923 sua grande obra *História da Independência na Bahia* realizada para a comemoração do centenário da Independência da Bahia, vem reafirmar todo seu discurso de Bahia como mãe do Brasil, Bahia como merecedora dos louros da Independência Nacional, etc.

3. INDEPENDÊNCIA DA OU NA BAHIA?

O primeiro passo é entender o porquê de Braz do Amaral se referir a uma História da Independência na Bahia e não da Bahia. Após a análise de suas obras, percebemos que admitir que exista uma História Independência da Bahia é o mesmo que retirar do Estado – dentre tudo que já fora tomado – a sua participação na obra da independência nacional.

Mas como assim? O termo ‘da’ implica algo isolado, ou seja, a história da independência da Bahia é só da Bahia, e não do Brasil. Vale lembrar que para além de uma disputa intelectual dentro da formação de um discurso sobre a Independência do Brasil entre baianos – tendo Amaral como representante – contra paulistas e cariocas, estava também em jogo o desejo de uma elite baiana letrada, e porque não dizer também elite política, em resgatar a opulência dos tempos coloniais e da maior parte do Império, que teria sido perdida na Primeira República,⁸ quando ocorre uma mudança tanto do eixo econômico quanto político para o Centro-Sul do país. Desta forma, adotar a nomenclatura História da Independência na Bahia indica pertencimento a uma obra nacional e não um evento regional e isolado.

⁵ AMARAL, Braz do. **Ação da Bahia na obra da independência nacional**. Sal: EDUFBA, 2005, p. 12.

⁶ Para entender melhor essa construção de um imaginário nacional durante a primeira República ver CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁷ AMARAL, Braz do. **Recordações históricas**. 2ª Ed. Salvador: Assembléia Legislativa, Academia de Letras da Bahia, 2007, p. 94.

⁸ Ver LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) — PUC-SP, 2005, p. 16.

4. PERSONAGENS

Fortemente influenciado pela escola positiva, Amaral dá preferência por sujeitos históricos como generais (principalmente o General Madeira de Melo), presidentes da Província (na obra *História da Bahia do Império a República*, Amaral vai falar de cada presidente da Bahia durante o Império) e políticos... Ou seja, é uma história pautada nos personagens oficiais. Ele se refere à população baiana, o exalta, mas não a descreve (não toca na questão racial entre negros e brancos), não mostra as suas particularidades, apenas a enaltece como um grande aglomerado indispensável na obra da independência na Bahia, como, por exemplo, podemos ver na sua fala sobre a participação dos baianos na Guerra pela Independência:

Não pode haver melhor e mais insuspeito testemunho do sacrifício dos baianos nesta luta pela independência dos brasileiros, e não pode haver desmentido mais seguro e honesto a opor os jornalistas do sul do Brasil, que em 7 de setembro do ano passado mencionaram que a independência havia sido feita em paz, apenas perturbada por tumultos sem importância, o que revela como às vezes se pronunciam desembaraçadamente sobre assuntos, sem os estudar, os que escrevem para o público da imprensa diária.⁹

CONCLUSÃO

Como foi proposto na metodologia é a pretensão desse trabalho analisar o discurso de Braz do Amaral sobre a Bahia, como o discurso que deseja se consolidar dentro do campo de disputas que foi a construção de uma História do Brasil. Para além de uma disputa intelectual dentro da formação de um discurso sobre a Independência do Brasil entre baianos contra paulistas e cariocas, estava também em jogo o desejo de uma elite baiana letrada, e porque não dizer também elite política, em resgatar a opulência dos tempos coloniais e da maior parte do Império, que teria sido perdida na Primeira República, quando ocorre uma mudança tanto do eixo econômico quanto político para o Centro-Sul do país. O discurso é um campo de relações de poder, portanto o discurso dominante ou consolidado dentro da historiografia vira objeto de desejo, e dentro dessas relações de poder vamos assistindo a reafirmações e a refutações desses discursos até que outro se consolide ou não.

Ao buscar afirmar historicamente a importância do estado da Bahia para o Brasil, e estar na frente da luta pela manutenção das fronteiras do estado, o discurso proferido por Amaral em suas obras se consolidou na historiografia baiana.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Braz do. **Ação da Bahia na obra da independência nacional**. Sal: EDUFBA, 2005.

⁹ AMARAL, Braz H. do. **História da independência na Bahia**. 2. Ed Salvador: Liv. Progresso, [1957], p. 335.

_____. **Historia da independência na Bahia.** 2. Ed Salvador: Liv. Progresso, [1957].

_____. **Recordações históricas.** 2ª Ed. Salvador: Assembléia Legislativa, Academia de Letras da Bahia, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica:** memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

MALERBA, Jurandir. Teoria e História da Historiografia. MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita:** teoria e história da historiografia. São Paulo : Contexto, 2006, p. 11-26.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15ª Ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007. 79 p.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra:** participação das camadas populares nas lutas pela independência do Brasil na Bahia. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2004.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada:** discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em História) — PUC-SP, 2005.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras da tradição:** luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador, EDUFBA, 2000.